

## Luís da Câmara Cascudo Prefaciador

Profa. Ms. Maria da Conceição Silva Dantas Monteiro<sup>i</sup> (UERN)  
Prof. Dr. Humberto Hermenegildo de Araújo<sup>ii</sup> (UFRN)

*Alma Patrícia*, publicado em 1921, principia o conjunto da obra do escritor norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo. No livro, ele apresenta uma análise da produção literária potiguar até aquele momento. Ao todo são citados dezoito poetas e entre os quais destacam-se Henrique Castriciano e Palmyra Wanderley por serem nomes conhecidos da poesia produzida especificamente no Rio Grande do Norte e por permanecerem publicando seus versos em jornais ainda na década de 30. Este artigo analisa o texto introdutório de *Alma Patrícia*, o que foi também o primeiro prefácio escrito pelo ensaísta, que o intitulou “Em vez de prefácio”.

Palavras-chave: *Alma Patrícia*. Luís da Câmara Cascudo. Prefaciador

### 1 Considerações Introdutórias

Onde a crítica não é instituição formada e  
assentada, a análise literária tem de lutar contra  
esse amor paternal que faz dos nossos filhos as  
mais belas crianças do mundo.

Machado de Assis

Basta um breve olhar para o conjunto da obra de Luís da Câmara Cascudo para perceber que ele trabalhou intensamente durante toda a sua vida. Informações obtidas em contato com a família do intelectual revelaram que mesmo com a saúde fragilizada – vendo e ouvindo com dificuldade – o escritor continuou sua rotina de leituras e escrita diariamente. É curioso notar que enquanto ele pesquisava sobre uma temática, cultura popular, por exemplo, escrevia concomitantemente sobre outras que tratavam dos mais variados assuntos que pouco ou quase nada tinha em comum.

O espírito descobridor de Luís da Câmara Cascudo nos presenteou com seus achados de pesquisa nas mais diversas áreas do conhecimento: história, etnografia, antropologia, letras, etc. Por esse motivo, podemos afirmar que ele foi genial e humano em tudo que fez. Genial porque sua percepção do mundo era digna de um gênio, e humano, pois conseguiu transformar o Brasil e o povo brasileiro em matéria viva para suas reflexões e deixou um legado que poucos intelectuais brasileiros foram capazes.

Ao longo de sua trajetória, ele colecionou ideias e pensamentos, os quais externava em forma de expressões que se tornaram célebres e nenhuma delas poderia representar melhor a sua impressão sobre o povo de seu país: “o melhor do Brasil é o brasileiro”, disse certa vez. Refletindo sobre essa questão, poderíamos dizer que conhecendo o Brasil tão bem quanto conhecia, o escritor tinha fé de ofício, respaldo teórico e até foro privilegiado para afirmar, com segurança, aquilo que ele havia sabiamente comprovado através de anos

de vida dedicados às suas pesquisas sobre a cultura brasileira.

Acusado de exagerar nos elogios quando lhe era atribuída à missão de prefaciara obras – literárias e não literárias – de autores locais e nacionais, chegou a declarar no texto introdutório de *Alma Patrícia* (1921), que fizera ali assumidamente crítica impressionista e admirativa. Tudo isso foi parte da estratégia para instigar o leitor a ir constatar de perto, ou seja, lendo a obra o que ele havia sugerido propositalmente. Essa deve ter sido a forma encontrada por ele para induzir o leitor à leitura de *Alma Patrícia*, obra que inaugurou uma produção intelectual quase interminável. É que, para ele, sistematizar e organizar a produção local era prioridade em detrimento da qualidade estética ou profundidade temática do assunto abordado na obra. Isso justifica o porquê de o escritor ser um “crítico” condescendente e generoso em suas análises, buscando ver não o que havia de defeito, mas sim o que poderia ser citado como qualidade. Essa é uma forte característica da obra crítica de Luís da Câmara Cascudo, observada desde sua primeira publicação. Muito provavelmente, iniciava-se com aquele primeiro livro uma tradição, no Rio Grande do Norte, com vistas à leitura do material de cunho poético e literário produzido pela intelectualidade local.

Buscando entender o discurso prefacial, fomos lendo e relendo os prefácios escritos por Luís da Câmara Cascudo e observamos que a maioria deles apresentava basicamente o mesmo padrão. Ao pesquisar acerca da origem desses textos, constatamos que eles seguem um modelo tradicional. Com o intuito de compreender os prólogos, pensamos o seguinte esquema que, certamente, facilitará a sua leitura e proporcionará um melhor entendimento do gênero em estudo: a) traz epígrafes impactantes (muitas vezes em outro idioma); b) contextualiza o tema de que trata a obra (a palavra se torna o conceito-chave); c) estabelece relação do tema com a obra e da obra com seu autor; d) trata da relação prefaciador *versus* autor (através de um discurso prefacial convincente); e) apresenta a obra (os pontos mais significativos) para o leitor ilustrando com trechos; f) ressalta a importância da obra para a literatura brasileira e para a sociedade (o que contribui para a construção de uma tradição); g) analisa trechos da obra a fim de comprovar o que afirma sobre ela.

Tudo leva a crer que Luís da Câmara Cascudo desconsidera o que não lhe agrada e destaca o que chama sua atenção. Essa característica do discurso prefacial cascudiano pode ser considerada como um requisito dos bons críticos literários, conforme aponta Antonio Candido (1997, p. 15) no prólogo de *Poetas do Brasil*, ao analisar a postura adotada por Roger Bastide, sociólogo e crítico literário francês que viveu no Brasil. Ao ler o texto de Candido percebemos que essa atitude de Luís da Câmara Cascudo é semelhante àquela adotada por Bastide em sua obra.

No conteúdo dos prefácios, de acordo com o modelo tradicional encontramos as impressões de Luís da Câmara Cascudo sobre o autor, a obra e sobretudo o papel da obra prefaciada na literatura local e nacional. De forma consciente ou não ele sistematizou a produção literária local por via de prefácios escritos por cerca de sete décadas. Mas o que surpreende é a forma como o prefaciador elaborou seus prólogos: quase sempre, tratou de analisar trechos das obras que chamavam sua atenção por apresentarem relevância estética, enquanto desviava o olhar de outras, das quais enfocava mais aspectos biográficos dos

autores. Nestes últimos casos, desviava a atenção do leitor para este não perceber que o prefácio não estava fundamentado na análise da obra.

As análises variam de acordo com a forma, o conteúdo e a estética dos textos, além de questões mais amplas, como a relação entre literatura e sociedade. Quando é prosa, ele comenta o conteúdo e/ou temática da obra prefaciada e discute sua relevância literária e social. A exemplo do que está registrado no prefácio à obra *O Calvário das Secas* (1940), de Eloy de Souza (1873-1959). Quando se trata de poesia, ele analisa versos ou até estrofes inteiras conforme podemos constatar no posfácio de *Livro de Poemas* (1927), de Jorge Fernandes (1887-1953).

Poder-se-ia dizer que *Alma Patrícia* norteia, de certa forma, a introdução à leitura dos prefácios da obra cascudiana, especificamente, pois mesmo sendo um livro escrito quando o seu autor era jovem, fornece informações cruciais para o entendimento do conjunto de paratextos do escritor de *História da cidade do Natal*. Vale salientar ainda que ele escreveu sua obra inaugural antes de o movimento modernista ser difundido no Brasil, o que leva a crer que o censo de preservação do patrimônio cultural local já existia em Luís da Câmara Cascudo, como um fato anterior ao intercâmbio com os intelectuais modernistas.

## 2 De como o prefácio ganhou *status* de gênero

Acredita-se que os primeiros textos introdutórios tenham sido escritos, no Brasil, a partir de 1820, com o advento do romance oitocentista: “A presença de um texto introdutório nos romances oitocentistas verifica-se desde 1826, na novela **Statira** e **Zoroastes** e é comum em boa parte das obras desse período” (SALES, 2003, p. 18 – Grifos do autor).

Conforme Sales (2003, p. 20), as dedicatórias e os agradecimentos são os responsáveis pelo surgimento dos prefácios, pois eram espaços criados pelos autores para expor notas de respeito e gratidão por aqueles que promoviam sua obra, já que naqueles tempos o ofício de escritor não proporcionava o sustento nem garantia a sobrevivência, e de um modo geral, os escritores eram levados a aceitar o apadrinhamento de pessoas abastadas. A partir dessa perspectiva, pode-se dizer, portanto, que o prefácio configura uma tradição secular na literatura, pois surgiu a partir das dedicatórias e agradecimentos e evoluiu ganhando *status* de gênero.

Assim como as inúmeras denominações: preâmbulo, prólogo, advertência, proêmio, etc, são muitos os conceitos para o gênero prefácio. O escritor Gilberto Mendonça Teles (1989, p. 05) destaca, no conceito, a estreita relação do paratexto com a literatura:

Todo texto destinado a recobrir os vários tipos de linguagem que se produz ao lado de uma obra literária, guardando com ela relações simétricas ou assimétricas, uma vez que procura reduplicá-la, explicá-la, reduzi-la ou colocar-se como índice de seu relacionamento com o mundo

da literatura ou com as estruturas extraliterárias que a cercaram no momento mesmo de sua criação.

O pesquisador Cléber dos Santos Vieira (2008) chama a atenção para o caráter de documento e sua proximidade com a história:

Denominam-se prefácios todos os discursos liminares produzidos a propósito de determinado texto. Os vínculos sistemáticos, históricos e contextuais com o impresso converteram os prefácios em preciosas fontes de pesquisa da história do livro nos mais variados gêneros da cultura escrita.

Selecionamos essas definições para o gênero em discussão, pois ambas se complementam, estão em consonância com a nossa pesquisa e nos auxiliaram também a pensar sobre a sua utilidade:

O prefácio tem como função antecipar informações sobre a obra que será lida *a posteriori*, e por isso é muitas vezes considerado um texto marginal. Tem sua origem no latim *praefatio* e no grego *prólogos* (DANTAS MONTEIRO, 2011, p. 02).

A denominação prefácio foi usada, neste artigo, genericamente para todos os prólogos produzidos por Luís da Câmara Cascudo acerca de obras literárias ou não literárias de escritores do Rio Grande do Norte, a partir de 1921, ano em que ele inicia sua trajetória como prefaciador.

### **3 Alma Patrícia**

Em julho de 1921, o jovem intelectual potiguar Luís da Câmara Cascudo publicou aquela que seria a sua primeira obra: *Alma Patrícia*. Essa estreia marca a sua inserção no campo da literatura e ocorre simultaneamente com as atividades de crítico literário e prefaciador de obras.

“Em vez de prefácio” foi o título escolhido pelo escritor para o seu primeiro prólogo, que inicia com uma epígrafe de São Francisco de Sales, convidando o leitor através de um forte apelo para que leia o texto: “Amigo leitor, peço-te que leias esta Prefação, para a tua satisfação, e minha” (CASCUDO, 1991, p. 07). O tom imperativo da epígrafe é disfarçado pela escolha lexical dos demais termos que compõem a oração, mas isso não impede que os leitores mais atentos percebam essa estratégia do autor-prefaciador, cuja habilidade com as palavras já se tornava evidente a partir de seu primeiro prólogo. Ao se referir ao leitor como “Amigo leitor”, o prefaciador busca estabelecer uma cumplicidade, uma espécie de parceria para que, assim, possa manipulá-lo, convencê-lo sobre o que quiser.

Mas essa conversa entre “amigos”, proposta pelo autor do prólogo, logo desdiz algo dito por ele no título do texto “Em vez de prefácio”, atribuído inicialmente, quando se dirige sem meias palavras: “[...] peço que leias esta Prefação...” (CASCUDO, 1991, p. 07). Paradoxalmente ao que está exposto no título do texto introdutório, o convite feito ao leitor pode levá-lo a pensar: por que devo ler um texto no qual seu autor afirma ser uma coisa e em seguida diz o contrário?

Além dessa ordem, que é evidenciada pelo uso do verbo no imperativo “leias”, na oração “[...] peço que leias esta Prefação...” o prefaciador argumenta usando as palavras do autor da epígrafe: “para tua satisfação, e minha” (CASCUDO, 1991, p. 07). Esse pedido quase divino, pois foi feito por um santo, provoca no leitor um sentimento de obrigação em relação à leitura do prefácio e revela a estratégia utilizada por Luís da Câmara Cascudo para convencer o leitor da necessidade, da relevância e por que não dizer da sua obrigação em ler o prólogo, quer seja chamado como tal ou não. Dessa forma, fica claro que o futuro autor de *Rede de dormir* usa um argumento de autoridade inquestionável, isto é, as palavras de um santo para envolver o leitor e persuadi-lo quanto ao que será dito em seguida no corpo do prefácio.

O diálogo estabelecido com o leitor, já na epígrafe, é mantido no início do texto: “Dado o tempo em que entreguei este livro no prelo, **podias leitor**, esperar trabalho seguro e sem jaça” (CASCUDO, 1991, p. 07 – Grifos nossos). A imagem do leitor é invocada para justificar o atraso na publicação e os problemas que o livro apresenta. Ao se reportar diretamente ao leitor, o prefaciador se desculpa, se isenta da culpa e ainda apresenta sua criação. Logo, alguém que não tinha a pretensão de ler o livro, ao se deparar com o chamamento do discurso prefacial cascudiano, certamente, se sentirá seduzido a ler a obra.

O autor justifica a escritura do livro chamando a atenção para o fato de não haver ainda, naquele momento, no Rio Grande do Norte, um livro de crítica literária e sem nenhuma falsa modéstia afirma: “Esse livro vai preencher a lacuna” (CASCUDO, 1991, p. 07). O escritor declara que não há novidades no livro e dá a entender que apenas reuniu textos já escritos por ele, os quais ainda não haviam sido publicados: “Demorando uns a outros, fui reunindo as minhas velhas opiniões sobre os poetas e jornalistas do pequeno Estado” (CASCUDO, 1991, p. 07). É importante lembrar que, se não havia uma obra de crítica, provavelmente, é porque não havia uma produção sistematizada, pois a necessidade de emitir juízo de valor nasce a partir do momento em que existe uma produção e ela precisa ser apreciada criticamente, e é daí que surge a tradição literária.

O intelectual informa ao leitor que o livro é de crítica literária e que está quitando uma dívida com a sociedade norte-rio-grandense: “Agora, que a vida se me aquieta, lanço-o à rua, fria e conscientemente, com o ar meio compungido de quem paga dívidas atrasadas e vultuosas” (CASCUDO, 1991, p. 07).

Luís da Câmara Cascudo explica também a origem da obra. Segundo ele, a ideia surgiu três anos antes em uma conversa entre ele e um amigo poeta:

Em 1918, Murillo Aranha e eu resolvemos publicar um livro de crítica, de impressão paciente e forte à vida intelectual do Rio Grande do Norte. Com a facilidade dos trabalhos projetados, estendemos a ideia a um verdadeiro inquérito aos mortos e aos vivos (CASCUDO, 1991, p. 07).

A empreitada idealizada pelos escritores não se concretizou, porque Murillo Aranha<sup>1</sup> (1890-1919) faleceu um ano depois de eles terem estabelecido a parceria e planejado a realização do livro. O projeto original sofreu algumas modificações e a pesquisa, que a princípio seria feita por ambos, acabou ficando a cargo de Luís da Câmara Cascudo.

Sobre a construção do livro, observamos como se deu o processo de feitura e algo nos deixou curiosos: “[...] fui reunindo **as minhas velhas opiniões** sobre os poetas e jornalistas do pequeno Estado” (CASCUDO, 1991, p. 08 - Grifos nossos). Essa declaração do autor do prólogo nos possibilita refletir e indagar: por que **velhas** se naquele período (1918-1919) Luís da Câmara Cascudo tinha apenas 20 anos de idade? Quando ele teria escrito esse material? E por que não havia publicado antes? A partir de que momento ele idealizou a obra *Alma Patrícia*? Ao fazer uso da expressão **velhas opiniões** é como se o autor-prefaciador quisesse ostentar uma certa credibilidade para que o leitor pensasse que ele já era um crítico literário experiente? Os termos selecionados pelo prefaciador podem denotar um certo sentimento de superioridade pelo fato de ele já ter formulado essas opiniões anteriormente? Ele não afirma “fui escrevendo” e sim “fui reunindo”, ou seja, será que ele queria dar a entender que já estava com tudo escrito?

Sobre essa discussão nos reportamos a Adorno (2003, p. 17), ao tratar do ensaio enquanto gênero:

Ele não começa com Adão e Eva, mas com aquilo sobre o que deseja falar; diz o que a respeito lhe ocorre e termina onde sente ter chegado ao fim [...] Seus conceitos não construídos a partir de um princípio primeiro, nem convergem para um fim último.

Conforme exposto no fragmento, as palavras e o pensamento do crítico reafirmam que o ensaio é construído a partir do que já existe, considerando-o, pois, como sendo um gênero que está inserido em uma tradição e tem como função dar-lhe continuidade, podemos deduzir que o autor de *Joio* poderia estar dialogando com outros escritores que já haviam discutido, pensado e/ou refletido sobre isso.

Luís da Câmara Cascudo declara, ao final do prólogo, que o seu livro não é de crítica e se for ela será “impressionista e admirativa”. Ele tenta passar a ideia de que o livro não é tão importante assim e que esse caráter/natureza de livro de crítica é apenas um rótulo. Percebemos que ele se contradiz em determinado momento, quando se assume

---

<sup>1</sup> Murillo Aranha é um dos dezoito poetas citados por Luís da Câmara Cascudo em *Alma Patrícia* (1921). Sobre ele tem-se a seguinte nota: “Quando escrevi este ensaio, Murillo estava na posse de seu vigor e de sua intelectualidade. Indo para o Rio recebi a notícia cruelíssima de sua morte. Laços de estima, e de amizade antiga, ligava-me ao infeliz poeta. Não quero alterar o que escrevi quando ele vivia. Deixo pois ficar as emoções, como as senti” (CASCUDO, 1991, p. 150). O referido ensaio ocupa as páginas 150-161 do livro.

crítico literário, ao admitir ter escrito um ensaio sobre Segundo Wanderley (1860-1909).

Concordamos que, em alguns casos, ele fez, de fato, uma crítica impressionista e admirativa, mesmo sendo um estudioso que já estava impregnado pelo sentimento de preservação do patrimônio cultural local. Desta feita, se sentiu no dever de valorizar o que se produzia no Rio Grande do Norte, muito embora esse material de cunho poético e literário não possuísse o “valor estético” necessário para ser reconhecido e aclamado pela crítica literária nacional oficializada e instituída. Mas, por outro lado, ele revelou nomes e possibilidades de estudos que mais adiante iriam ser desenvolvidos e que, conforme pesquisas já concluídas, tais como ARAÚJO (1995), DANTAS MONTEIRO (2003), FERREIRA (2008), COSTA (2008), GALVÃO (2012), PINHEIRO (2012a), PINHEIRO (2012b) poderiam, caso houvesse uma reorganização nos estudos literários e culturais, e consequentemente, em seus manuais, ser incorporados ao cânone.

Ao analisar o próêmio de *Alma Patrícia*, constatamos que, de fato, há na obra momentos nos quais a crítica é meramente impressionista, mas há outros em que percebemos, pelo discurso prefacial e pela forma como se apresentam os exercícios de leitura dignos de um crítico literário nos moldes tradicionais, análises capazes de mostrar com propriedade o valor estético-literário do texto.

Diante das reflexões provocadas pela leitura da obra e pela análise de seu prefácio nos indagamos: como foi a recepção de *Alma Patrícia* pela crítica daquela época? A crítica recebeu muito bem a obra e ela se tornou alvo de vários comentários elogiosos, conforme registra Araújo (2006, p. 147) no *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*:

Com o subtítulo de “Páginas de Literatura e Crítica”, *Joio* traz nas suas páginas finais vários “Excertos da Crítica sobre *Alma Patrícia*”. De João Ribeiro ao Conde Affonso Celso, de Rocha Pombo a José Américo de Almeida, do argentino Luís Emílio Sotto ao Conde d’Eu, todos elogiaram o *mérito* do primeiro livro de Luís da Câmara Cascudo.

A citação de Araújo (2006, p. 147), evidencia a opinião de literatos e críticos sobre o primeiro livro de Luís da Câmara Cascudo. Além de críticos e escritores, a imprensa brasileira também registrou a sua impressão sobre a obra:

O livro de Luís da Câmara Cascudo é um repositório precioso relativo ao movimento poético do seu Estado. E como é escrito com vivacidade e inteligência constitui uma leitura que informa e deleita ao mesmo tempo. *Revista do Brasil* (CASCUDO, 1924, p. VI).

Ao expor a sua opinião sobre *Alma Patrícia*, *A Revista do Brasil*<sup>2</sup>, uma importante revista de arte e cultura da época, reforça a opinião da crítica e deixa claro o quanto a obra

---

<sup>2</sup> Fundada em 1916, em São Paulo, por Júlio Mesquita, esse periódico literário serviu como um espaço de discussões entre conservadores e modernistas. Entre os seus colaboradores estão intelectuais como Monteiro Lobato, Olavo Bilac, Mário de Andrade, Graciliano Ramos e Luís da Câmara Cascudo, tendo publicado o seguinte texto sobre Folclore “Lycantropia sertaneja”, São Paulo: *Revista do Brasil*, 1923. LUCA, Tânia Regina de. *Leituras, projetos e (re)revista(s) do Brasil*. São Paulo; editora UNESP, 2012.

agradou e atendeu às expectativas dos leitores. A atitude positiva representada nas palavras do periódico mostra quão bem avaliado foi o livro cascudiano.

O prefácio estudado se encontra inserido em um *corpus* composto por cerca de 100 textos (prefácios, proêmios, orelhas, prólogos notas, posfácios, etc), que fazem parte de uma pesquisa sobre a prática da crítica literária exercida pelo escritor potiguar. As análises dos demais textos comporão a tese intitulada provisoriamente de *Luís da Câmara Cascudo prefaciador*: escritos que atravessaram o século XX – 70 anos de prefácios.

O autor-prefaciador esclarece para o leitor que o gênero ensaio, que tradicionalmente é adotado nos casos em que se escreve crítica literária, não foi o escolhido por ele e que apenas quando tratou do escritor Segundo Wanderley, fez uso do gênero próprio para a situação: “De todos os trabalhos enfiados apenas ‘Segundo Wanderley’ é escrito no molde em que plasmarei, de futuro, um razoável livro de crítica” (CASCUDO, 1991, p. 07). Ele não justifica o porquê dessa escolha.

Para ADORNO (2003), o ensaio é um gênero que permite uma mediação entre ciência e literatura, por isso pode apresentar um caráter dialético (objetivo e subjetivo). Essa capacidade de se adequar, de se apropriar da experiência individual e coletiva pode ser o critério utilizado pelos prefaciadores ao elegerem o ensaio como espaço para o exercício da crítica literária.

Ao ler a obra que principia o conjunto da obra desse intelectual, indagamos: será que nesse período Luís da Câmara Cascudo já tinha consciência de seu papel de crítico? Ao que parece sim. Ele demonstra isso ao citar o gênero específico para o exercício do ofício de crítico literário e admite já ter usado esse recurso ao escrever o ensaio sobre Segundo Wanderley. A leitura do prefácio de *Alma Patrícia* possibilita perceber que ao publicar a sua primeira obra Luís da Câmara Cascudo já demonstrava ser um leitor experiente, que se destacava pela retórica eloquente e pela linguagem erudita.

## **Considerações Finais**

A leitura do prefácio de *Alma Patrícia*, publicada em 1921, nos possibilita ver a preocupação de seu autor em historiar e sistematizar os achados de pesquisa e assim, desse modo, criar e/ou inaugurar uma tradição literária e crítica no Rio Grande do Norte. A obra se destaca pela sua capacidade de reunir nomes de intelectuais potiguares que, são reconhecidamente, responsáveis pela construção de uma literatura produzida especificamente neste estado. É *mister* ressaltar que Luís da Câmara Cascudo já deixou em seu primeiro prólogo indícios de que mesmo sendo um leitor relativamente jovem era experiente e o seu discurso prefacial é demarcado pela retórica e pela linguagem culta. Tomando como referência as atitudes e declarações de Luís da Câmara Cascudo, percebemos que ele já se interessava por aspectos da cultura brasileira desde muito cedo e supomos que sua formação intelectual o transformou precocemente em um estudioso dessas questões.



## Referências

ADORNO, T. W. *Notas de literatura I*. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; E. 34, 2003.

ARAÚJO, H. H. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: EDUFRN, 1995.

ARAÚJO, Humberto Ermenegildo de. “Joio”. In: SILVA, Marcos (Org.). *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ASSIS, Machado de. *Instinto de nacionalidade*. Disponível em <http://br.geocities.com/instinto> (acesso em 10.02.2012).

BASTIDE, Roger. *Poetas do Brasil*. São Paulo: EDUSP; Duas Cidades, 1997.

CANDIDO, Antonio. “Prefácio” In.: BASTIDE, Roger. *Poetas do Brasil*. São Paulo: EDUSP; Duas Cidades, 1997.

CANDIDO, Antonio. *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

CASCUDO, Luís da Câmara. “Excertos da Crítica sobre *Alma Patrícia*”. In: *Joio: páginas de literatura e crítica*. Natal: Off. Graph. d’A Imprensa, 1924 (p. I-VII).

CASCUDO, Luís da Câmara. *Alma Patrícia: crítica literária*. Edição Fac-similar de 1921. Mossoró: ESAM; Fundação Guimarães Duque, 1991. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 743).

CASCUDO, Luís da Câmara. “Em vez de prefácio”. In: *Alma Patrícia: crítica literária*. Edição Fac-similar de 1921. Mossoró: ESAM; Fundação Guimarães Duque, 1991. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 743).

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Prefeitura Municipal do Natal, 1947.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Rede de Dormir*. MEC, 1957.

COSTA, M. S. *Produção em revista: representações do moderno e do regional na experiência potiguar - anos 1920*. 2008. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

DANTAS MONTEIRO, M. C. S. *Crônica Literária: registros da modernização do Rio Grande do Norte na década de 20*. 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

DANTAS MONTEIRO, Maria da Conceição Silva. “A produção literária no Rio Grande do Norte sob a ótica de Luís da Câmara Cascudo”. In: *Anais do XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada*. 2011: Curitiba/PR.

FERNANDES, Jorge. *Livro de Poemas*. 2. Ed. Natal: Fundação José Augusto, 1997. (Edição facsimilar de 1927).

FERREIRA, José Luiz. *Gilberto Freire e Câmara Cascudo: entre a tradição, o moderno e o regional*. 2008. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

GALVÃO, Dácio Tavares de Freitas. *O poeta Câmara Cascudo: um livro no inferno da biblioteca*. 2012. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. *Correspondências: Leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. 1999. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

MELO, Manoel Rodrigues de. *Dicionário da Imprensa do Rio Grande do Norte: 1907-1987*. São Paulo: Cortez; Natal (RN): Fundação José Augusto, 1987.

PINHEIRO, Carlos André. *Essa marca de suor numa canção: o processo da redução estrutural na poesia de Zila Mamede*. 2012a. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

PINHEIRO, Mayara Costa. *Terra Natal, de Ferreira Itajubá e a Permanência do Romantismo*. 2012b. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SALES, Germana Maria Araújo. *Palavra e sedução: uma leitura dos prefácios oitocentistas* - Doutorado em Teoria e História Literária, UNICAMP, 2003.

SILVA, Marcos (Org.). *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

SOUZA, Eloy de. *O Calvário das Secas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL; Natal: Fundação José Augusto, 1983. p. 11-17. [prefácio datado de Natal, outubro de 1938].

TELES, Gilberto Mendonça. *Retórica do silêncio I: teoria e prática do texto literário*. Rio de Janeiro: José Olympo, 1989.

VIEIRA, Cléber Santos. *Entre as coisas do mundo e o mundo das coisas: prefácios cívicos e impressos escolares no Brasil republicano*. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade de São Paulo.

---

<sup>i</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem/PPgEL/UFRN.  
Profa. de Literatura Brasileira da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN.  
E-mail: [conceicaomonteiro@uern.br](mailto:conceicaomonteiro@uern.br)

<sup>ii</sup> Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem/PPgEL/UFRN.  
E-mail: [hharauj@ufrnet.br](mailto:hharauj@ufrnet.br)

